

**Cássio Ferreira Marques
Hellen Cristina Picanço Simas
Paulo Roberto Palhano Silva**

**HISTÓRIAS
ANCESTRAIS DO
POVO POTIGUARA**

2019

PROJETO PELOS CAMINHOS DOS POTIGUARA

Organização:

Prof. Cássio Ferreira Marques (ALCA – VM)
Profa. Dra. Hellen Cristina P. Simas (Nel-Amazônia|UFAM)
Prof. Dr. Paulo Roberto Palhano Silva (GEPeees|UFPB)

Ilustrções:

Felipe Arthur Silveira Padilha

Capista:

Anderson Costa

M357h Marques, Cássio Ferreira.
Histórias ancestrais do povo potiguara / Cássio
Ferreira Marques, Hellen Cristina Picanço Simas, Paulo
Roberto Palhano Silva. - João Pessoa : Clube de autores,
2019.

59 p. :il.

ISBN: 978-85-5697-900-4

1. Índios – Brasil. 2. Baía da Traição, Marcação, Rio
Tinto - Paraíba. 3. Povo Potiguara. I. Marques, Cássio
Ferreira. II. Título.

CDU 397

PARCERIAS



“O índio Potiguara
Nesta terra, ele nasceu
Ela é santa, ela é mãe
Ela é do índio, ela é de Deus.

Olha o céu, olha a terra
Sol, estrelas e Luar
Quem fez o vento fez a chuva
Fez o índio, fez o mar.

Nossa aldeia tem riqueza
Mata virgem de caçar
Mangue e lagos de água doce
E um rio para nós pescar”.

Versos de Marinésio Cardoso, “Neguinho”



PREFÁCIO

Hellen Cristina Picanço Simas
Doutora em Linguística - UFPB

Esta obra **Histórias Ancestrais do Povo Potiguara** foi baseada no livro *Lendas e Causos do Povo Potiguara* que foi publicado em 2009, sendo naquela época o primeiro livro de registro de histórias que compunha o conhecimento ancestral e as concepções dos Potiguara, os quais, eram repassados de geração para geração exclusivamente pela oralidade. As dezenove histórias ancestrais, reapresentada nesta obra, com a atualização dos termos e conceitos, continua acompanhadas de belas ilustrações de Felipe Padilha, que ajudam o leitor a imaginar o cenário e o enredo das narrações.

Esta edição comemora os 10 anos do lançamento da primeira edição e a luta do povo potiguara pela melhoria da educação escolar indígena potiguara. **Histórias Ancestrais do Povo Potiguara** constitui-se num excelente instrumento de subsídio ao professor para ressignificar as aulas nas escolas indígenas, pois, pela obra, os alunos têm acesso à memória ancestral de seu povo, além do mais, a obra colaborou para a valorização e fortalecimento da identidade e dos conhecimentos ancestrais Potiguara. Tanto que a obra se tornou referência no assunto e é muito utilizada pelos professores das diversas disciplinas em

todas as escolas potiguara, bem como se tornou objeto de estudo de muitos pesquisadores.

Nós organizadores nos sentimos realizados com a aceitação do nosso trabalho pelo povo indígena e felizes por contribuirmos com a construção da Educação Escolar Indígena Potiguara, ressignificando o modelo de educação tradicional para o intercultural, ao darmos vozes aos antepassados Potiguara e por abrimos espaços nas salas de aulas para os conhecimentos deles serem repassados a novas gerações. Como professores e, principalmente, como militantes da causa indígena, sentimos orgulho de participar da luta pelo fortalecimento da identidade e da memória ancestral Potiguara.

Desejamos que o leitor possa mergulhar no imaginário deste povo guerreiro, conhecer e divulgar a visão de mundo Potiguara e torcemos para que a obra venha, cada vez mais, ganhar espaço no contexto educacional e científico para se configurar como marco da efetiva construção da Educação Escolar Indígena Potiguara.

Boa leitura...

Parintins, março de 2019.



SUMÁRIO

Os Potiguara	5
Apresentação	8
Histórias Ancestrais do Povo Potiguara	10
Pai do Mangue	11
Cumade Fulozinha (Caipora do Mato)	14
A Botija Encantada	17
A Mão Cabeluda	21
Mãe D'Água – Yara	23
Procissão da Meia Noite	27
O Lobisomem	30
As Bruxas de Coqueirinho	34
Uma Sereia na Terra dos Potiguara	36
O Batatão	38
Rasga-Mortalha	40
O Peixe que Reina na Maré	42
O Gritador (Assobiador)	43
O Pesador	45
Um Sedutor Chamado Boto	46
Morto-Vivo	48
A Cobra de Coqueirinho	49
Haja-Pau	50
Igreja Velha	52
Projeto Pelos Caminhos dos Potiguara	55
Organizadores	56



OS POTIGUARA

Cássio Ferreira Marques
Academia de Letras, Ciências e Artes do vale do Mamanguape
(ALCA-VM)

Os Indígenas Potiguara encontram-se principalmente no estado da Paraíba nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Em 32 aldeias que compreende uma área superior aos 33.757 hectares.

A população indígena Potiguara corresponde a 80% das populações dos municípios de Baía da Traição e Marcação e cerca de 10% da população do município de Rio Tinto.

Os Potiguara são parte ativa e significativa na história da Paraíba, do Nordeste Brasileiro e do Brasil. Tendo seu primeiro

contato com o não índio em 1501 na região da Baía da Traição, são mais de quinhentos anos de luta e resistência pelo direito de permanecer em seu território, com o devido respeito pelo não índio de sua cultura, crenças, tradições e destino.

Já no período colonial a resistência Potiguara contra os invasores europeus lhe garantiu através de leis portuguesas o direito ao território, mas essa garantia sempre esteve sob pressão ameaçadora por diferentes grupos, com vários interesses. Historicamente, o território dos Potiguara sofreu pressão de diferentes grupos com interesses diversos, como: Os donos de engenho, a Companhia de Tecidos Rio Tinto, e os usineiros.

Nas últimas décadas do século XX a luta pelo reconhecimento ao território tradicionalmente ocupado pelos Potiguara se intensificou, tornando objeto de seguidos processos de demarcações governamentais e até mesmo autônoma realizada pelos próprios Potiguara.

A realidade desse processo histórico resultou em três terras indígenas: a Terra Indígena Potiguara, a Terra Indígena Jacaré de São Domingos e a Terra Indígena Potiguara de Monte Mor.

A **TI Potiguara** foi demarcada com uma área de 21.238 hectares nos municípios de Baía de Traição, Marcação e Rio Tinto. A demarcação da TI Potiguara corresponde, basicamente, ao limite da antiga Sesmaria de São Miguel da Baía da Traição, sendo realizada pelo exército em 1984. Somente em 1991 a TI Potiguara foi homologada.

Já a **TI Jacaré de São Domingos**, tem uma superfície de 5.032 hectares situando-se no município de Marcação, todavia a Terra Indígena estende-se até o município de Rio Tinto. Foi

demarcada em 1988, como complementação da demarcação da TI Potiguara. O decreto homologatório é de 1993, mas apenas em 2007 sua demarcação foi confirmada pelo Supremo Tribunal Federal -STF em última instância.

A **TI Potiguara de Monte-Mór** possui 7.487 hectares, que foram declarados de posse indígena em 14 de dezembro de 2007 pelo Ministério da Justiça. Esta terra indígena compreende a maior parte da antiga Sesmaria de Nossa Senhora dos Prazeres de Monte Mor.

Monte Mor – 2019



APRESENTAÇÃO

Paulo Roberto Palhano Silva
Universidade Saint Demi/Paris 8

Um dos grandes desafios enfrentados pelos povos indígenas tem sido manter viva a sua cultura, tradição e história.

Com o advento das novas tecnologias e a inevitável globalização, aspectos e elementos riquíssimas da oralidade indígena, tradição essa que torna cada povo único e especial, vem sendo colocado em segundo plano, muitas vezes delegado à condição de não importante. Isso tem ocasionado em muitos locais, o esquecimento e até a negação da própria história ancestral.

O presente livro é fruto de alguns anos de pesquisa junto ao Povo Potiguara. Por tanto, traz registros das vivências e experiências narradas por anciões.

A transcrição dessas narrativas não tem o intuito de negar a importância da oralidade, pelo contrário, busca fortalecer as narrativas que são reveladoras de fatos, acontecimentos e a própria história do Povo Potiguara.

A construção desse material didático torna-se um elemento de subsídio para os professores de etno-história nas escolas indígenas Potiguara, bem como, para os demais profissionais indígenas ou não indígenas, considerando que as transcrições revelam elementos

que estão presentes na matriz da história do Povo Brasileiro.

O presente livro integra a Coleção pelos Caminhos dos Potiguara, ao qual, nesse primeiro volume, é tratado as narrativas sobre as histórias ancestrais, contadas pelos principais sujeitos: os anciões Potiguara.

Convidamos o leitor a fazer uma leitura, estabelecendo o dialogo coletivo e crítico, além de realizar novas pesquisas, o que fortalecerá a cultura Potiguara.

Rio Tinto - 2019



HISTÓRIAS ANCESTRAIS DO POVO POTIGUARA

Quem nunca ouviu uma história envolvendo mistérios, cerimônias, seres sobrenaturais, cultos a heróis ou a deuses pagãos? Essas histórias ancestrais, muito conhecidas pelos como causos e lendas¹, formam a cultura oral de um povo. Esses relatos são transmitidos, de geração para geração, por meio das narrativas feitas principalmente pelos anciões, baseadas nas experiências e no conhecimento ancestral que possuem.

Os Potiguara também desenvolveram uma vasta tradição oral, com características próprias, que nos traz histórias dos mais variados contextos, experiências da comunidade ao longo de anos de existência.

Esta cartilha contém algumas dessas histórias vividas pelos Potiguara, a saber: o Pai do Mangue, a Cumade Fulozinha, o Lobisomem, o Pesador, a Botija Encantada, a Mão Cabeluda, o Haja-Pau, as Bruxas de Coqueirinho entre outras, as quais passaremos a conhecer a seguir.

¹ Apesar de os relatos dos povos indígenas sobre suas histórias serem chamados de lendas, nos referimos a eles como histórias ancestrais, pois entendemos que lenda é vocábulo que carrega significado de ficção, ou seja, de ser irreal. Muitas vezes, tem conotação pejorativa por estar no conhecimento popular que lenda seria um conhecimento inferior. Por isso, em nosso ponto de vista, os relatos por sistematizarem a visão de mundo indígena, seu conhecimento e por explicarem muito de organização social, política e cultural dos povos nativos, devem ser nomeadas de histórias ancestrais. Até porque histórias é como os povos indígenas nomeiam seus relatos.



PAI DO MANGUE



Entre todas as histórias contadas pelo povo Potiguara, uma desperta mais atenção pela presença constante nos relatos dos moradores das comunidades potiguara: O Pai do Mangue. Conta-se que o Pai do Mangue tem a fisionomia de um velho e usa um chapelão, não deixando ninguém observar sua face. Ele fuma um cigarro que nunca se apaga e traja roupas de pescador.

Para o Pai do Mangue não ficar zangado, é necessário levar para o mangue e oferecer-lhe um pouco de fumo de rolo. Deste modo, ele ficará satisfeito; caso contrário, o Pai do Mangue, através de luzes e de assobios, pode

confundir o pescador, fazendo-o se perder dentro do mangue. As pessoas que acreditam e respeitam o Pai do Mangue podem ser agraciadas por ele com pesca farta.



HISTÓRIAS DO PAI DO MANGUE

DONA LUZIA DE BIE DA ALDEIA LAGOA GRANDE

“Teve uma época em que meu esposo adoeceu, e eu, para não passar fome com meus filhos, fui para o mangue pescar. Um dos meus filhos me acompanhou com sua cachorra. Quando adentramos o mangue, a cachorra disparou e se perdeu, só ouvíamos os latidos dela ao longe. Meu filho olhou para mim com os olhos cheio de lágrimas e disse:

- Mas mãe, a cachorra que eu gosto tanto!

Fiquei com pena dele. Mandei que ficasse quieto no meio do mangue, num local cheio de carrapateiras e fui atrás da sua cadela de estimação. Quanto mais eu andava, mais a cachorra latia à distância. Cansei de seguir os latidos dela, mas consegui alcançar a cachorra depois de muito caminhar.

Quando eu retornei, meu filho disse que um homem com um chapelão grande e de botas tinha se aproximado

dele, destampado o saburá, olhado o que havia dentro e fechado em seguida. Depois se afastou e desapareceu.

Eu, no entanto, não vi nenhum rastro deste homem, só que, naquele dia, tive pesca farta. É por isso que acredito que ele era o Pai do Mangue”. Finalizou Dona Luzia de Bie, da aldeia Lagoa Grande.



DONA GUIDA DA ALDEIA IBYKUARA

“Eu levava os meninos para o mangue para tirar sururu, camarão, aratu e caranguejo, que era para mim o mais difícil de pegar, por conta de sua rapidez.

Eu não tinha o costume de chamar os meus filhos pelo nome, nem os seus amiguinhos, porque isso era uma afronta ao Pai do Mangue. Eu os chamava assim: huuuuuuuu, huuuuuuuu. Porque, deste modo, ele sabia que eu o respeitava.

Quem me ensinou isso foi um vizinho que eu tive. Ele dizia que tinha um pacto com o Pai do Mangue, por isso ele levava cachaça e fumo para a mata e os colocava no tronco das árvores. O interessante é que ele tinha pesca farta. Acredito que realmente ele tinha um trato com o Pai do Mangue”, explicou Dona Guida de Ibykuara.

CUMADE FULOZINHA (CAIPORA DO MATO)



Muitos são os relatos entre o povo Potiguara da existência da Cumade Fulozinha ou Caipora do Mato, entretanto, não a chame assim, pois ela pode ficar muito brava.

Contam os antigos que Cumade Fulozinha é uma menina com aparência de 10 anos de idade, cabelos longos e pele morena bem clarinha. Ela protege as matas das agressões dos homens, principalmente dos caçadores.

Por isso, o caçador, quando for caçar, e perceber alguma coisa estranha, ele deve voltar e oferecer a Cumade um pouco de fumo.

Segundo relatos de pessoas que afirmam ter tido contato com Cumade Fulozinha, sua existência é comprovada pelas tranças que costuma fazer no rabo dos cavalos e pelas surras que costuma dar nos cachorros de caça e nos caçadores que ficam falando nomes (palavrões) no meio da mata.



HISTÓRIAS DE CUMADE FULOZINHA

ELANE, POTIGUARA DA ALDEIA TRÊS RIOS

“Quando eu era pequena, fui com minha mãe e meu pai para a mata caçar. Chegando lá, eu percebi a presença de uma menina da minha idade, chamando-me para brincar com ela. Eu fui em sua direção, e ela ofereceu-me mel; balançou-me num balanço que tinha no meio da mata; depois ficou mexendo no meu cabelo para que eu adormecesse e disse para eu não me preocupar, pois quando eu acordasse me levaria para casa. Minha mãe encontrou-me algum tempo depois no meio das urtigas. O interessante é que eu não me cortei; já minha mãe, para me pegar, se cortou toda.

Outro fato estranho foi o que aconteceu com meu cabelo: ele estava trançado e não teve jeito de destrançar. Minha mãe foi obrigada a cortar meu cabelo. O mesmo, desde então, não cresceu mais como antes”, contou a jovem Elane, da aldeia Três Rios.

DONA ADALGISA DE LAGOA GRANDE



“Eu tenho uma filha que tem uma égua que, de vez em quando, chegava com a crina e o rabo todo trançado. Minha filha chegou a cortar os cabelos do animal para que Cumade Fulozinha não os trançasse mais. O avô dela sugeriu passar

pimenta na corda da égua, pois, dessa forma, Cumade Fulozinha não se aproximaria mais do animal, porque ela não gosta de pimenta. Deste dia para cá, nunca mais o animal apareceu com os cabelos trançados”, relatou Dona Adalgisa, da aldeia Lagoa Grande.



**CAVALO TRANÇADO POR
CUMADE FULOZINHA**



A BOTIJA ENCANTADA



Antigamente as pessoas não tinham o hábito de guardar seus valores como joias, dinheiro e até mesmo, cartas de amor ou de saudade em bancos ou em cofres. Até porque banco era algo muito distante, complicado e fazia as pessoas ficarem temerosas com que seria feito com seus bens. Por este motivo, elas habituaram-se a fabricar uma botija de barro e colocavam nesta todos os seus pertencentes de valor material ou sentimental e posteriormente a enterravam no quintal próximo de sua moradia.

O problema era que algumas pessoas faleciam sem desenterrar as suas botijas, não conseguindo deixá-las para ninguém. Dizem os anciões que essas pessoas não alcançavam descanso. Para isso acontecer, era necessário que o falecido viesse em sonho a um ente querido e revelasse a localização da botija.

No entanto, para a maldição ser quebrada, era necessário que a pessoa que recebeu a revelação fosse sozinha, à meia-noite, até ao local indicado pelo falecido e desenterrasse a botija. Porém, se a pessoa falasse do sonho para alguém, fosse acompanhado ou em outro horário, a botija se encantava e a pessoa não conseguiria encontrá-la, não permitindo que o falecido descansasse em paz.



HISTÓRIA DA BOTIJA ENCANTADA

**Geraldo Toscano Cabral
(Gêge)**

“Essa história aconteceu há muito lá em Sertãozinho, onde eu passei uns tempos. Eu estava na rede deitado e, de repente, comecei a ouvir uns gemidos, assim: hummmm, hummmm. Minha rede começou a balançar como se tivesse alguém forçando os punhos. Quando eu olhei direito, havia uma alma na ponta da rede, próximo aos meus pés. Eu pensei em atirar nela, mas eu nunca vi ninguém matar alma. Então, fixei os olhos

nela para perceber o que ela queria. Ela, então, disse-me:

- Debaixo daquele fogão velho, tem uma botija para você.

Eu perguntei:

- O que tem ali embaixo daquele fogão?

Ela respondeu:

- Cave debaixo dele e o que você encontrar é seu.

Desapareceu em seguida, pensei um pouquinho no que tinha acontecido; dei um pulo da rede e fui tirar as cinzas do fogão, que era feito daquele tijolo antigo, tipo mosaico; fui cavando e encontrei uma resistência, percebi que era uma panela do tipo antimônio, um tipo de panela bem antiga. Fui cavando, cavando, quando ouvi um grito alto e assustador:

- Mata, mata, é para matar mesmo.

Naquela hora, eu só não dei uma carreira, porque eu era moço e não tinha medo de nada, mas se fosse hoje, eu acho que eu tinha dado uma carreira. Os gritos eram as almas querendo me assustar para que eu deixasse a botija de lado.

Apareceu perto de mim até uma galinha encantada, com um monte de pintinho, fazendo uma grande algazarra. Eu tentava tangê-la, mas não conseguia acertá-la.

Quando eu consegui tirar a botija, ela estava fechada com piche nas bordas; removi, então, o piche e encontrei uma porção de moedas. Pensei:

- Vou comprar um cavalo para carregar capim para os meus bichos.

Apressei-me para raspar uma moeda, que se chamava pataca naquela época, para ver se ela era de ouro.

Quando eu raspei, vi que ela não era amarela, mas bronzeada. Pesei todas as moedas, e elas atingiram o peso de três quilos e seiscentas gramas. Eu as vendi, por três contos de reis, para um homem chamado Bandeira que residia em Mamanguape.

Usei um conto e meio para comprar uma vaca e, com o que restou do dinheiro, farrei bem muito com meus amigos até o dinheiro acabar em nada. Eu lembro de tudo isso como se fosse hoje”. Afirmou seu Geraldo Toscano Cabral, mais conhecido como Gêge, que reside no rio do Catolé, próximo à aldeia de Monte Mor.



A BOTIJA ENCANTADA



A MÃO CABELUDA



O mais importante rio que corta a terra dos Potiguara é o Sinimbu, o qual banha as aldeias de Santa Rita, Laranjeira, Forte, São Miguel, Caeira, Camurupim e Tramataia, encontrando-se com o estuário do rio Mamanguape.

Os Potiguara respeitam muito as águas do rio Sinimbu, pois várias pessoas que moram em aldeias próximas do rio afirmam já terem visto uma mão cabeluda lá. Ela costuma segurar o pé das pessoas que estão tomando banho no rio. Esta seria a explicação para a morte de muitas pessoas afogadas naquele rio.

Os anciões dizem que a mão cabeluda só arrasta para o fundo do rio aquelas pessoas que ficam dizendo palavrões, por isso ao mergulhar para se banhar nas águas do rio e melhor respeitá-lo.



RIO SINIMBU



MÃE D'ÁGUA - YARA



Quanto vale a água pura e cristalina nos dias de hoje? Os Potiguara, por serem cercados por diversos rios, mangues e o próprio mar, possuem um profundo respeito às águas. A Mãe D'água, protetora das águas doce, fica muito triste quando vê as pessoas desmatando as margens dos rios ou jogando lixo neles.

Diz a lenda que, quanto mais a Yara ficar triste, menos água terão os rios, podendo até mesmo secar, desaparecendo junto com a Mãe D'água. Cada agressão aos rios também é considerado uma ofensa a própria Yara.

Para que a mesma fique contente, é preciso, além de proteger as nascentes e mananciais, presenteá-la com espelhos, pentes, perfumes e laços, pois a Mãe D'água é muito vaidosa.

A filha mais ilustre da Mãe D'água e a Sereia que protege os mares. Tanto a Mãe D'água como a Sereia possuem a mesma forma: metade peixe e metade mulher.



HISTÓRIA DA MÃE D'ÁGUA - YARA

DONA NININHA DA ALDEIA ESTIVA VELHA

Segundo Dona Nininha de Estiva Velha, seu neto Vamberto, quando era pequeno, foi levado para o rio com apenas nove meses de vida para se banhar com sua mãe, filha de Dona Nininha.

Ao retornarem, o menino adoeceu com cansaço e febre. Dona Nininha relata: “Levamos ele para o médico que não deu jeito no cansaço do menino. Aí resolveram

levá-lo para João da Ladeira, um rezador aqui da região. Quando chegamos lá, o rezador, antes de iniciar a reza, perguntou a minha filha se ela havia levado o menino para se banhar no rio. Minha filha disse que sim, e ele a repreendeu dizendo que o menino havia pegado olhado da Mãe D'água. O rezador disse a minha filha que só se deve banhar uma criança no rio depois que ela completar um ano, pois se a Mãe D'água se admirar da criança, coloca olhado nela. João da Ladeira nos orientou a jogar sete dentes de alho no rio e banhar o menino com arruda, num banho de arrepiar cabelo e assim fizemos. O interessante é que meu neto melhorou e cresceu, hoje já tem 19 anos² e já é pai.

Por este acontecido, eu acredito que a Mãe D'água existe, e as mães que tiverem juízo não devem levar seus filhos com menos de um ano para se banhar no rio.



RONALDO JOVEM POTIGUARA DA ALDEIA LAGOA GRANDE

“Eu conheço a história de um pescador que foi pescar no rio e não conseguiu pegar nada. Ele, com agonia de conseguir peixes, prometeu a Mãe D'água trazer para ela a primeira coisa que ele visse quando chegasse em casa.

² Em 20009.

O pescador fez tal promessa, porque tinha certeza que o seu cachorro viria ao seu encontro quando retornasse para casa e, deste modo, ele traria o animal de presente para a Mãe D`água. Entretanto, naquele dia, o seu filho foi o primeiro a vir ao seu encontro.

O pescador ficou desesperado e, nos dias seguintes, evitou ir pescar, porque não queria cumprir a promessa que havia feito a Mãe D`água, pois amava seu filho.

Depois de muito pensar, ele resolveu cumprir o prometido; levou, então, o seu único filho ao encontro da Mãe D`água; o pescador estava de coração partido. Ao chegar à nascente do riacho, local marcado para o encontro com Yara, o pai contou o caso a Mãe D`água, e ela deu uma boa risada e disse:

- Meu bom pescador, eu não quero seu filho, pois o pai nasceu para ter a companhia do



RIO DOS POTIGUARA

filho, e o filho ter a companhia do pai. Traga-me espelho, pente e perfume e nosso acordo estará cumprido.

Daquele dia em diante, sempre que podia, o pescador levava os presentes que Yara gostava. Até hoje várias pessoas presenteiam Mãe D`água”, concluiu o jovem Potiguara Ronaldo.



PROCISSÃO DA MEIA-NOITE



Entre todas as histórias que compõem o mundo imaginário dos Potiguara, nenhuma possui tanto mistério e envolvimento do sobrenatural como a história da Procissão da meia-noite.

Ela é narrada principalmente pelos moradores da aldeia Tramataia, apesar de se ter relatos dela em outras aldeias. Em nenhum outro lugar, os mais antigos a descrevem com tanta riqueza de detalhes.

Eles contam que à meia-noite das sextas-feiras de lua cheia, a procissão segue pelas ruas da aldeia Tramataia, sendo formada por antigos moradores da região que já faleceram.

São muitos e variados os relatos das pessoas, principalmente dos anciões, que confirmam ter ouvido a procissão passar cantando rezas e ofícios religiosos.

No entanto, ninguém tem coragem de ficar no meio da rua para ver a procissão passar, com medo de morrer, pois dizem que quem ver a procissão passar falece logo em seguida.

Os antigos contam que teve um morador muito curioso da aldeia que, ao ouvir a procissão passar, foi até à janela de sua casa observar a procissão. Uma das mulheres que estavam na procissão, veio, então, ao seu encontro e entregou-lhe uma vela acesa. O homem aceitou o objeto naturalmente, entretanto, assim que a vela começou a apagar, foi transformando-se em um osso humano.

Depois desse fato, ninguém mais teve coragem de espiar a procissão. Crianças e até anciões respeitam profundamente a procissão da meia-noite.

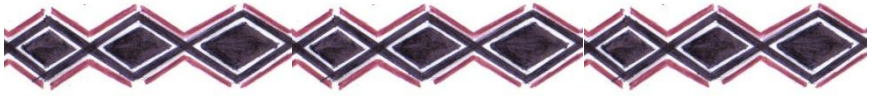
Essa história Potiguara é reforçada pelo relato de Samuel Trindade de Sousa, mais conhecido como Galego Grande, da aldeia Tramataia, que nos conta o seguinte: “Esse acontecimento ocorreu há uns sete anos. Era aproximadamente meia-noite. Eu estava dormindo na rede do lado de fora de casa, quando eu olhei para rua e vi um povo todo calado, cabeça baixa e encapuzado. Um setenta pessoas mais ou menos, todos com uma vela na mão.

Eu pensei que fosse alguma procissão, por isso entrei em casa para ver se os meus tinham ido para a procissão também. Só que todo mundo estava dormindo. Voltei, então, para a varanda e fiquei observando a misteriosa procissão.

Quando eu percebi que era a procissão da meia-noite, dei uma carreira para dentro de casa e nunca mais tive coragem de dormir do lado de fora de casa”, contou Galego Grande, da aldeia Tramataia.



**CAMINHOS PERCORRIDO PELA PROCISSÃO
DA MEIA-NOITE NA ALDEIA TRAMATAIA**



O LOBISOMEM



Os antigos contam que, quando numa mesma família nascem sete irmãos, todos os homens, o sétimo atrai para si a maldição do lobisOMEM. O sétimo filho homem, em noite de lua cheia, transforma-se num ser alado: metade homem e metade lobo.

Esse ser sobrenatural percorre as sete partidas do mundo, ou seja, sete igrejas de santos diferentes. Somente depois desta peregrinação, o ser amaldiçoado volta para sua fisionomia humana.

AS SETE PARTIDAS DO MUNDO (SETE IGREJAS)



MONTE - MOR



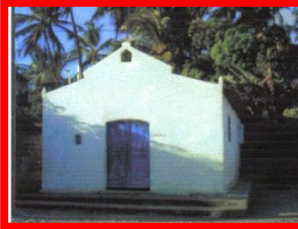
FORTE



CAMURUPIM



JARAGUÁ



SÃO FRANCISCO, TRAMATAIA, ALTO DO TAMBÁ

Para que o sétimo filho não tenha para si a maldição do lobisomem é preciso que o filho mais velho da família batize o mais novo, tornando-se seu padrinho. Deste modo, a maldição será quebrada.

Outra explicação descrita pelos mais antigos é que algumas pessoas têm o domínio de sua autotransformação em lobisomem. Para que isso aconteça, faz-se necessário que a pessoa dê sete nós na sua roupa e cante a reza das almas da terra de lá.

Esse ritual deve acontecer em um terreiro; no mesmo instante, a pessoa cai no chão e começa a transformar-se em lobo. Entretanto, as pessoas que conhecem a tal reza não contam o segredo para ninguém com medo de perder a força da reza e atrair para si a ira do lobisomem.

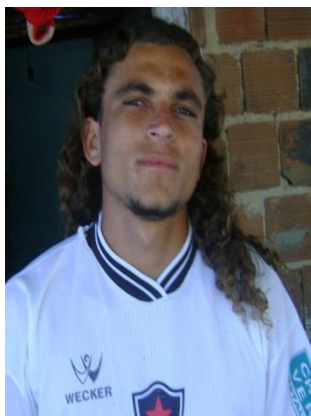
Outro fato que vários anciões presenciaram e relataram diz respeito às pessoas que se transformam em lobisomem e comeram todo tipo de porcaria, como casca de caranguejo e resto de lixo. Quando retornaram a forma humana, vomitavam os detritos, assustando várias pessoas.

HISTÓRIAS DO LOBISOMEM

DONA NINHA DA ALDEIA IBYKUARA



“Eu não tenho medo do Lobisomem, porque minha filha Marinalva, que é canhota, mora conosco. E dizem que o Lobisomem não encosta na casa em que mora gente canhota, porque ele tem medo. Por isso, que eu não tenho medo da criatura vir me visitar”. Afirmou dona Nina da aldeia Ibykuara.



O JOVEM RAFA DA ALDEIA CAMURUPIM

“Em uma noite de lua cheia, clara como dia, por volta da meia-noite, eu vinha da escola quando avistei, no campinho de futebol perto de casa, um monte de cachorros na maior algazarra.

Ao fixar os olhos no campinho, percebi a presença de um bicho preto e cabeludo, parecendo ter, mais ou menos, um metro e meio de comprimento. Estava rodeado pelos cachorros.

Ao pensar que poderia ser o Lobisomem, dei uma carreira para casa, adentrando pela janela, pois o medo foi tanto naquele momento, que nem me lembrei da porta. Entrei assustado e assustando minha família; não conseguia dizer uma palavra. Ao recuperar o fôlego, expliquei o que se sucedeu. Eu e meus familiares saímos para procurar o tal bicho. Retornando ao campinho, não havia mais nada lá. Nem os cachorros, nem a estranha criatura. Vários vizinhos também ouviram o barulho da algazarra que os cachorros fizeram com a criatura”. Afirmou o jovem Rafa da aldeia Camurupim.



AS BRUXAS DE COQUEIRINHO



Uma das histórias mais instigante entre o povo Potiguara é a que narra a existência das bruxas de Coqueirinho.

Contam que há muito tempo, pelas bandas de Coqueirinho, existiam umas senhoras que se transformavam em bruxa.

As pessoas mais velhas da região respeitavam tanto os relatos sobre as bruxas, que botavam uma tesoura aberta debaixo do travesseiro das crianças pagãs, para que as bruxas não levassem seus filhos.

Outro fato que é associado pelos mais velhos às Bruxas de Coqueirinho é a existência de vários tipos de

plantas desconhecidas das pessoas daquele local. Algumas pessoas afirmam que essas plantas eram trazidas pelas bruxas ainda como semente para Coqueirinho.

Alguns pescadores que avistaram as bruxas, em noite de lua cheia, dizem que elas entoavam um cântico assim: “Rema, rema, minha comadre, quando fui, fui de carro; quando vim, vim a pé; tamborete na cabeça roendo meus catolés”. Contudo, o que mais assustou os pescadores foi a velocidade atingida pelas bruxas, cada remada delas chegava até sete léguas.



**IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES
ALDEIA COQUEIRINHO**



UMA SEREIA NA TERRA DOS POTIGUARA



Um dos principais animais da fauna marinha dos Potiguara é o peixe-boi marinho. Espécie existente há milhões de anos. Diz a lenda que a origem da sereia está ligada diretamente à existência do peixe-boi. Os pescadores costumam confundir o animal com as sereias, porque ele possui calda de peixe e uma expressão facial quase humana, lembrando as sereias.

Outro fator que faz os pescadores associarem as sereias aos peixes–boi é a sua docilidade e o seu canto, que é uma espécie de vocalização, semelhante ao descrito pelos pescadores como canto das serias.

É tão forte a possibilidade dos peixes-boi marinho terem sido o motivo do início das histórias sobre as sereias que sua ordem científica é a Sirênia. Nome de origem mitológica: Sirênios.

Então, ao cruzar com um peixe-boi marinho em noite de lua cheia pelo estuário do rio Mamanguape ou em oceano aberto não vai chamá-lo de sereia, pois ele pode ficar chateado.



PEIXE-BOI MARINHO



O BATATÃO



Os caçadores e pessoas da mata contam que existe uma bola de fogo que os acompanha no meio da mata, podendo crescer ou diminuir de acordo com o medo de cada um. Essa tocha de fogo é conhecida como o Batatão.

Vários caçadores e carvoeiros afirmaram que não viram o Batatão apenas uma única vez e sim várias vezes. Ele é uma presença constante na mata, qualquer pessoa que trabalha por lá, já viu o batatão.

Os anciões dizem que o Batatão é um menino de nome Aibino, que morreu pagão, por isso fica vagando pelo mundo. Ele possui uma tocha de fogo na cabeça, que ilumina principalmente à noite.

O Batatão se aproxima das pessoas, porque ele tem medo de ficar sozinho, uma vez que ele é apenas um menino. No entanto, se você falar:

- Aibino, lá vem o padre te batizar.

Ele, por ser pagão, foge desesperado, porque morre de medo de ser batizado.

HISTÓRIA DO BATATÃO



TARZAN PERSEGUIDO PELO BATATÃO

“A gente estava brincando de tica entre os coqueiros e o campo da Concórdia. Era umas sete horas da noite, quando, inesperadamente, eu e

Marllon caímos dentro de um buraco de lixo, que havia no meio do caminho. Ficamos lá escondidos para que ninguém nos visse, quando, de repente, avistamos uma bola de fogo vermelhona atrás da gente. Então, demos uma carreira; não ficou ninguém para ver o que era aquele clarão. Era a gente correndo, e a bola de fogo nos seguindo e aumentando até que entramos no beco, e a bola ficou para trás.

Os meninos ainda queriam voltar para ver se a bola ainda estava lá, mas, quando percebemos que era o Batatão, todos preferiram deixar quieto”. Afirmou Tarzan ao descrever o acontecido.



RASGA-MORTALHA



Quando a noite cai, nenhum Potiguara deseja ver cruzar os céus de sua moradia a famosa Rasga-Mortalha, uma espécie de coruja que existe na terra dos Potiguara. Os mais antigos dizem que este pássaro traz agouro da morte; acreditavam que, se ele cantar próximo a alguma moradia, é sinal que alguém vai morrer.

Pior do que ela cantar próximo de uma casa, é se o maldito pássaro pousar na cumeeira da casa. Neste caso, os anciões afirmam que o próximo a morrer é o dono da casa, o chefe da família. Então, se você estiver numa dessas noites conversando fiado em frente a sua casa e ver a Rasga-Mortalha passar ou se ela pousar na

cumeeira da sua casa, reze logo sete Pai-Nosso, sete Ave-Maria e sete Cremos. Depois diga: “Rasga-Mortalha, do jeito que você trouxe, você leva. Por São Sebastião, São Miguel e São Jorge, santos guerreiros de Deus, e pela Santissima Trindade esta casa não te pertence. Rasga-Mortalha do jeito que você trouxe, você leva”. Repita esta oração sete vezes.



CORUJA RASGA- MORTALHA



O PEIXE QUE REINA NA MARÉ



Na maré dos Potiguara, entre as aldeias de Três Rios e de Tramataia, mais precisamente na altura da aldeia Brejinho, existe uma embarcação naufragada, denominada Vinte e Um.

Os mais velhos contam que esta embarcação virou moradia de um mero, o maior peixe das águas Potiguara, o qual pode chegar a 300 quilos. Ele já vive há décadas ali; tempo superior ao natural de sua espécie.

Vários pescadores afirmam que, quando a maré está vazando, é possível avistar o mastro da embarcação Vinte e Um, e, próximo dela, mergulhando e subindo à superfície da água o velho mero.

As pessoas que viram o tal mero afirmam que este rei das águas doce é tão velho que criou ostras (aristi) nas costas sobre sua pele. Algumas pessoas chegam a afirmar que este mero é especial, ou seja, encantado, por isso que ele vive há tantos anos, sendo imortal, o verdadeiro rei das águas Potiguara.



O GRITADOR (ASSOVIADOR)



As pessoas que trabalham na mata contam a história do homem gritador, um antigo machadeiro que era campeão de derrubada de árvores. Ninguém conseguia derrubar mais árvores do que ele. No entanto, logo após a sua morte, o machadeiro conscientizou-se do mal que tinha feito ao meio ambiente, destruindo as matas. Desde então,

esse machadeiro tornou-se o Homem Gritador.

Quando um machadeiro derruba uma árvore, por ambição ou sem necessidade, ele dá um grito. Dizem que desde essa hora, ele passa a acompanhar o machadeiro, ficando em seu entorno até que a pessoa assombrada coloque o pé direito em cima do pé esquerdo de outra pessoa que tenha muita fé. A pessoa precisa ainda abrir os seus braços em forma de cruz e rezar um Pai-Nosso, para, desta forma, a maldição ser quebrada.

Outro mistério que envolve o gritador é o seu grito, dizem que quando ele grita perto, é porque ele está longe e, quando ele grita longe, é porque ele está perto. Artimanha usada pelo gritador para confundir as pessoas por ele assombrada e dificultar a localização dele.



CUIDADO LENHADOR COM O GRITADOR!



O PESADOR



Um dos mistérios que assolam os sonos dos Potiguara é a inesperada visita do Pesador em noite de lua cheia.

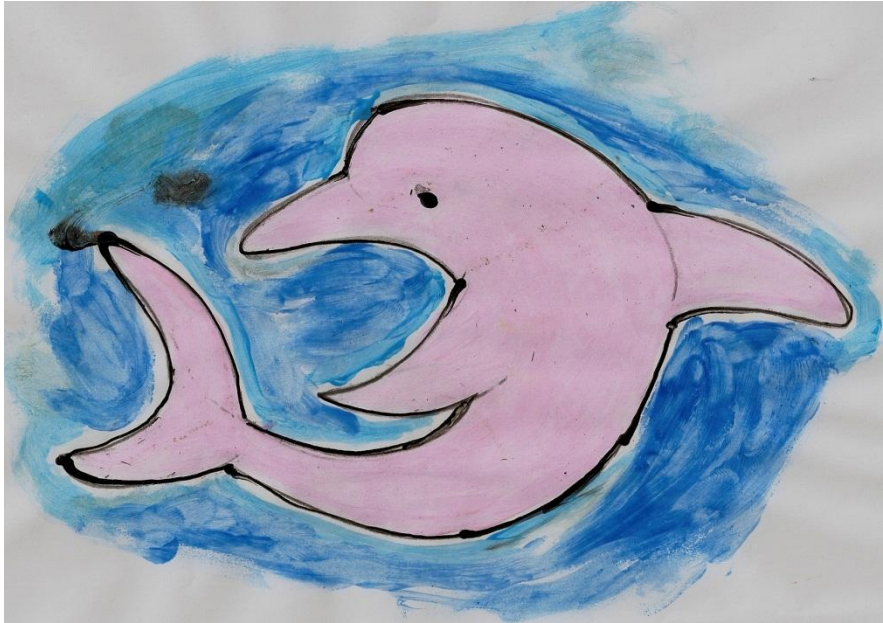
Os mais velhos contam que um homem utilizando um chapelão anda pela noite a procura de pessoas de pouca fé. Quando encontra alguma pessoa desprotegida do seu anjo da guarda, ou seja, sem a proteção dos guardiões da

luz, o Pesador sobe na pessoa com todo o seu peso e começa a sufocar a pessoa. Esta não consegue gritar para pedir ajuda, perdendo o fôlego como se estivesse morrendo.

Os anciões dizem que, se a pessoa visitada pelo Pesador conseguir retirar o chapéu dele, o qual esconde o seu rosto, ficará rica. No entanto, se a pessoa dormir com as mãos ou os pés cruzado, o Pesador não conseguirá lhe fazer mal. Outro modo de se proteger de ter pesadelo com o Pesador é rezar antes de dormir, entregando sua alma ao seu anjo da guarda.



UM SEDUTOR CHAMADO BOTO



Qual o Potiguara que não fica fascinado ao ver o Boto saltitar nas águas da maré ou do oceano aberto em uma noite de lua cheia? Qual o Potiguara que não se sentiu cortejado pelo Boto ao se banhar nas águas se, de repente, ele dá o ar da graça ao saltitar ao seu redor? O fascínio que o boto desperta nos seres humanos é tão grande que chega a hipnotizar.

Contam os antigos que o Boto é capaz de fazer as meninas donzelas se apaixonarem por ele perdidamente. Esses relatos são comuns não só entre os Potiguara, mas também em todos os lugares em que o boto vive.

O que pouca gente sabe é que o boto já foi moço e formoso com grande bravura, que se apaixonou pela índia mais bela de sua aldeia, a qual desprezou o seu amor. O jovem índio desgostoso da vida, incompreendido em seu amor, em uma noite de lua cheia, fez um pacto entregando-se ao mar, transformando-se em boto.

Deste dia em diante, nunca mais o boto quis saber de amar ninguém verdadeiramente e, nas noites de lua cheia, ele volta à fisionomia de homem belo e moço, fazendo muitas mulheres se apaixonarem por ele, levando-as, em seguida, para o mar, a fim de viver com ele. As moças seduzidas pelo boto acabam se afogando; outras são engravidadas pelo boto sedutor, que depois disso nunca mais as procura.

Por isso, ao se encontrar com o boto nos braços da maré ou em oceano aberto, cuidado para não se apaixonar por ele, pois o boto é um eterno sedutor atrás de donzelas.



BOTO NO MAR POTIGUARA



MORTO-VIVO



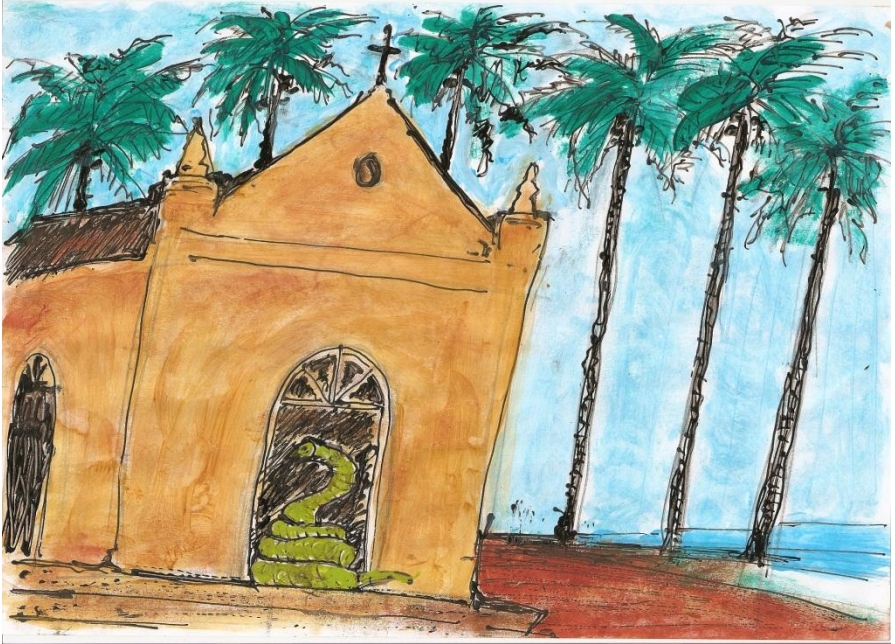
Outra história que faz parte do imaginário Potiguara é a do Morto-Vivo. Narram que dois compadres muito unidos se desentenderam por motivos banais. Um dos compadres, por causa disso, acabou tirando covardemente a vida do outro.

Como a relação de compadres é algo sagrado aos olhos de Deus, eles foram amaldiçoados a viver eternamente agarrados um ao pé do outro. Assim, para um ficar em pé, é necessário que o outro permaneça de cabeça para baixo.

Vários são os relatos de pessoas que já se encontraram com o Morto-Vivo pelos caminhos de areia das terras do Povo Potiguara, principalmente nas noites de lua cheia.



A COBRA DE COQUEIRINHO



Os mais antigos dizem que, certa vez, em Coqueirinho as pessoas com pressa para iniciar os festejos profanos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes anteciparam o início da missa, naquela mesma noite, no pavilhão de Coqueirinho, uma serpente adentrou o meio do salão e ficou dançando em pé como se tivesse hipnotizada. Os anciões entenderam que aquilo era sinal de mau agouro, por causa da antecipação da missa pelas pessoas. Desde então, o horário da missa tornou-se sagrado, e ninguém ousa mais antecipá-lo.



HAJA PAU



Explicam os mais velhos que, certo dia, a mãe de um menino pediu para que ele fosse levar o almoço do pai até o roçado. No meio do caminho, por ter “olho grande”, resolveu comer a comida que era destinada ao pai.

Somente sobrou do almoço para o pai alguns ossinhos, o menino os tampou dentro da panela e entregou ao pai. Quando o pai percebeu que na marmitta só tinha osso, indagou ao filho o que significava aquilo. No entanto, o filho nada esclareceu e disse que aquilo era o que a mãe dele tinha mandado para o pai. O pai, possesso de raiva,

voltou para casa e chegando lá, sem dar chance da mulher se explicar começou a surra-la de tal modo que a mulher veio falecer.

O filho mau, que tinha causado aquela situação, foi tomado de tristeza e, pelo remorso, fugiu para a mata; ninguém nunca mais teve notícia dele. Porém, alguns anciões e pessoas da mata afirmam que o menino se encantou e se transformou num pássaro, cujo canto é esse: “haja pau, haja pau, haja pau haja pau...”.

ENCANTAMENTO DO MENINO





IGREJA VELHA



Existe um local próximo à Aldeia Jacaré de São Domingos que desperta um profundo respeito nos Potiguara que residem naquela região, principalmente os mais velhos. Este local denomina-se Igreja Velha, que não se trata exatamente de uma igreja (construção); o local fica no meio da mata da aldeia Jacaré de São Domingos, sendo o acesso a ele difícil.

Lá existe uma grota e uma caverna, as quais, creem muitas pessoas, foram os refúgios dos antigos Potiguara, durante o período de colonização e de confronto com os colonizadores. Segundo algumas pessoas, o local recebeu essa denominação por causa da aparência de uma pedra que existia lá, que lembrava a frente de uma igreja.

O local é amplo, por isso permitia que muitas pessoas se escondessem no seu interior, alguns idosos chegam a afirmar que aquele território é sagrado para todo o povo Potiguara. Seria esse o motivo pelo qual o batizaram de Igreja Velha, ou seja, por ter sido o primeiro local de orações e rezas do povo Potiguara para o Deus tupã, muito antes da colonização em nossas terras e a difusão do cristianismo.

HISTÓRIAS DA IGREJA VELHA



HELENA CONCEIÇÃO SILVA (D. BILINHA)

“Meu pai falava muito nessa igreja velha, falavam que essa igreja Velha era um local onde os antigos indígenas, que não queriam contato com o homem branco e que desconfiavam da sua amizade ou das suas intenções, refugiavam-se.

Essa igreja tinha uma passagem subterrânea; eles entravam e ficavam lá escondidos, num grande salão que existia no interior da gruta, que parecia a entrada de uma igreja. Mas lá não tinha altar nem santo como a igreja normal, era o nome que os antigos deram ao local em respeito”, afirmou Dona Bilinha, de Jacaré de São Domingos.



GERALDA ELVIRA DE SOUSA DA ALDEIA JACARÉ DE SÃO DOMINGOS

“Meus pais me contavam que lá no meio da mata existia uma pedra que parecia uma igreja. O povo tinha muito respeito por essa pedra, iam até lá para olhar essa pedra e a chamavam de igreja velha”, confirmou Dona Elvira de Jacaré de São Domingos.



PROJETO PELOS CAMINHOS DOS POTIGUARA



ALDEIA JACARÉ DE SÃO DOMINGOS



ALDEIA MONTE MOR



ALDEIA TRÊS RIOS

ALDEIA SÃO FRANCISCO



ORGANIZADORES



Cássio Ferreira Marques é neto do Potiguara Antônio Padilha Marques natural de Baía da Traição. Estudou Geografia na UFPB - Universidade Federal da Paraíba, está concluindo o curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Já trabalhou em escolas dos municípios de Rio Tinto, Marcação, Baía da Traição. É Professor da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Pesquisa e estuda a história e a memória do vale do Mamanguape no Projeto Pelos Caminhos do vale do Mamanguape.



Paulo Palhano Roberto Silva possui doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o título de PhD pela Universidade Saint Demi/Paris 8. Atualmente é professor titular adjunto 4 na Universidade Federal da Paraíba e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etnia e Economia Solidária – GEPeesS. Como sociólogo estuda os movimentos sociais, com ênfase no movimento indígena, com pesquisas e publicações.



Hellen Cristina Picanço Simas

possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2013). Professora efetiva do Instituto de Ciências sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – PPGE|UFAM. Líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Atualmente desenvolve estudos relacionados ao levantamento sociolinguístico dos indígenas da etnia Sateré-Mawé do Baixo Amazonas, além de estudos sobre gêneros textuais jornalísticos na perspectiva bakhtiniana e pecheutiana.